



FATOS OU GENERALIZAÇÕES? UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DE PERCEPÇÕES DE SURDOS QUANTO AO USO DA LIBRAS

Roberto de Freiras Jr (UFRJ)¹
robertofrei@hotmail.com

Palloma Beatriz Maia Botelho Aguiar (UFF)²
a.spallomabeatriz@hotmail.com

João Paulo da Silva Nascimento (UFRJ)³
jpn0401@gmail.com

RESUMO: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa que analisa a percepção de surdos sobre a sinalização de seis usuários da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), tendo em vista observar possíveis generalizações ou marcas de preconceito linguístico em seu contexto de uso. A pesquisa, de natureza qualitativa, observa os juízos relacionados à sinalização de surdos e de ouvintes, segundo a suposta atuação de diferentes variáveis independentes e via análise de entrevistas em LIBRAS com esses indivíduos. Os resultados revelaram informações importantes acerca da percepção e do senso comum que em geral diferenciam equivocadamente a performance de surdos e ouvintes quanto ao uso dessa língua e que podem comprometer o amadurecimento científico dos estudos sobre surdez no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística, Língua Brasileira de Sinais e Percepção

ABSTRACT: This article presents results of a research that analyzes the perception of deaf people about the signaling of six users of Brazilian Sign Language (LIBRAS), in order to observe possible generalizations or marks of linguistic prejudice in its contexts of use. This is a qualitative research that aims to observe judgments related to the signaling of deaf and non deaf people, according to the supposed effect of different independent variables and via analysis of interviews in LIBRAS with these individuals. Results revealed important information about the perception and common sense that in general mistakenly differentiate the performance of deaf and non deaf people regarding the use of this language and that can compromise the scientific maturation of studies on deafness in Brazil

KEYWORDS: Sociolinguistics, Brazilian Sign Language and Perception

1 Doutor pela UFRJ, Rio de Janeiro – RJ. Contato: robertofrei@hotmail.com.

2 Mestre pela UFF, Niterói – RJ. Contato: a.spallomabeatriz@hotmail.com.

3 Graduando pela UFRJ, Rio de Janeiro – RJ. Contato: jpn0401@gmail.com.



1. Introdução

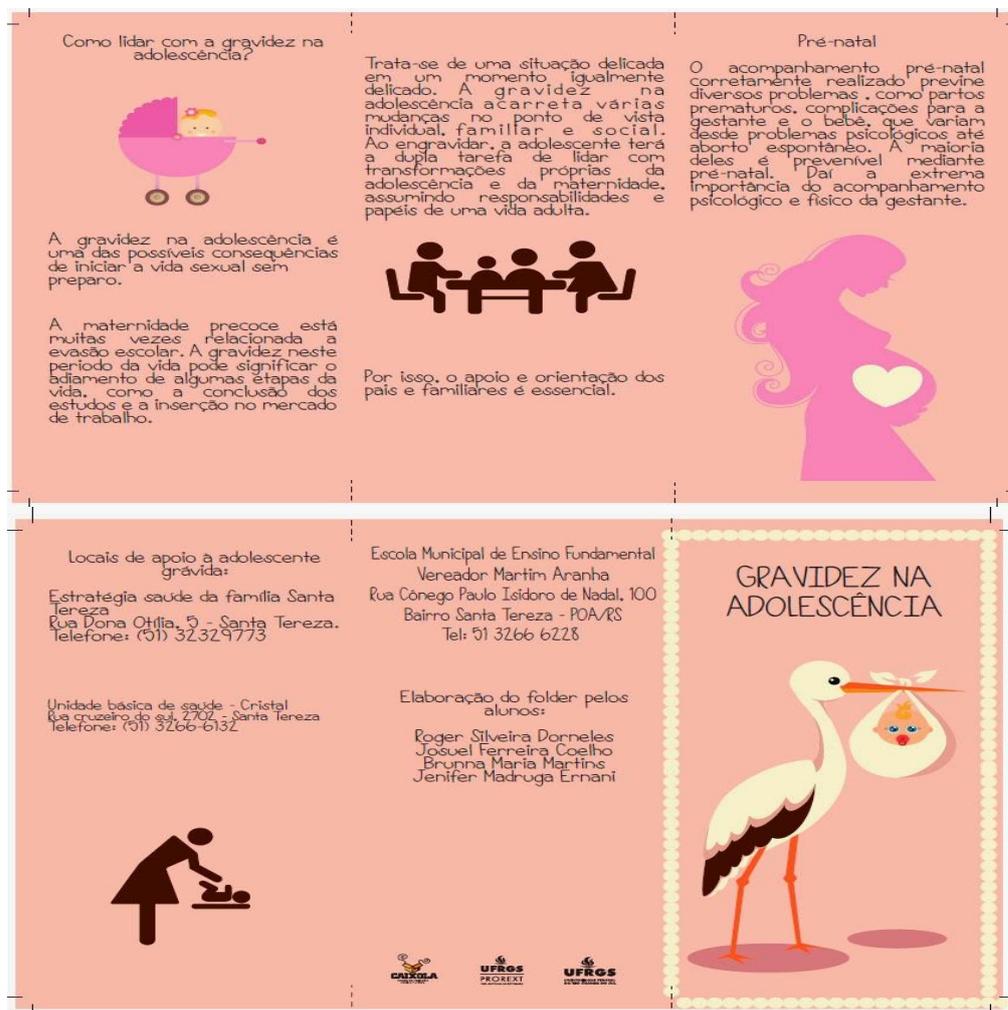
Em oposição a visões sobre língua e linguagem embasadas em senso comum, a Linguística mostra que as línguas são elementos de cultura e representatividade de suas comunidades de uso, que a aquisição é um processo cognitivo, natural e de interação entre indivíduos e que, trocando em miúdos, o processo de surgimento e evolução de uma língua é dinâmico e transformador, sejam elas orais ou de sinais, sejam seus usuários surdos ou ouvintes.

Dessa forma, o presente artigo discute a percepção de surdos brasileiros a respeito da sinalização de outros indivíduos pertencentes à comunidade surda, usuários da LIBRAS. Pretende-se, aqui, estabelecer, via análise qualitativa do discurso emergente, inferências e generalizações a respeito do uso da LIBRAS, a fim de pensar os critérios subjacentes ao julgamento avaliativo de proficiência nesta língua à luz do quadro teórico da Sociolinguística (Cunha, Costa & Martelotta, 2015; McCleary, 2009).

Tratamos aqui do que Bortoni-Ricardo (2014) chamaria de “atitudes linguísticas”, isto é, os sentimentos nutridos pelos usuários de uma língua e suas variantes. Algumas perguntas que permeiam a presente pesquisa são: há preferência pela sinalização de certos indivíduos em detrimento da de outros? Ou ainda, a sinalização dos indivíduos que possuem maior escolarização teria melhor aceitação entre os falantes/sinalizantes dessa língua? O que representam algumas variantes presentes no uso da LIBRAS e o que elas dizem respeito sob a ótica do preconceito linguístico?

2. Metodologia

A metodologia deste estudo se deu em função da análise da percepção por parte de indivíduos surdos, nativos da LIBRAS, quanto à performance de outros indivíduos (surdos e ouvintes) nessa língua. Nesse intuito, selecionamos como elemento disparador para uma interação verbal em LIBRAS um folder escrito em língua portuguesa, sobre “gravidez na adolescência”, abaixo:

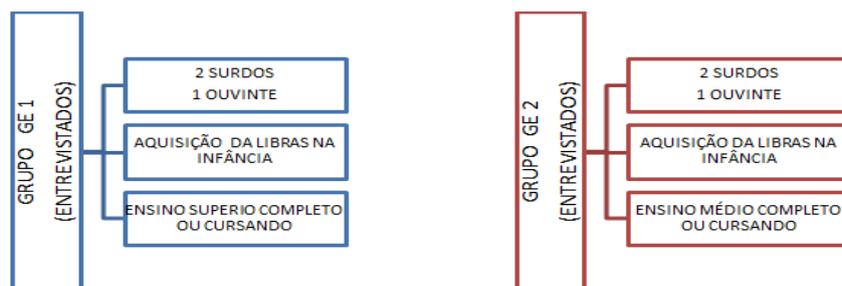


Assim, elaboramos perguntas referentes à interpretação e entendimento do texto do folder, a saber: a) Qual o assunto do folder? b) Qual a sua opinião sobre a gravidez na adolescência? c) Você conhece casos de gravidez na adolescência? d) Como, em sua opinião, as pessoas devem tratar a gravidez na adolescência em caso de ocorrência em suas famílias? e) Qual seria o papel do Governo e da escola em relação à gravidez na adolescência?

Logo em seguida, selecionamos indivíduos para compor o que chamamos de Grupo Entrevistado (GE), que dispôs de seis usuários da LIBRAS, divididos em dois subgrupos. Cada subgrupo foi composto por 2 indivíduos surdos e 1 ouvinte. A diferença entre os subgrupos consistia na escolaridade: o primeiro grupo era composto por três sujeitos que possuíam nível superior, o segundo grupo era composto por

peças com nível médio. Todos os participantes do GE foram expostos à LIBRAS na fase da infância ou adolescência, além de possuírem idades similares.

O Quadro I, abaixo, exemplifica a organização do GE:



Quadro I – Perfil Geral dos integrantes do GE

Para a condução do experimento, traçamos o perfil individualizado dos participantes do GE no que diz respeito a vários fatores, dentre eles o momento de aquisição da LIBRAS. Tais perfis podem ser vistos no quadro abaixo:

ENTREVISTADO	IDADE	IDENTIDADE LINGUÍSTICA	ESCOLARIDADE	CONTATO COM A LIBRAS
E1	24	Ouvinte	Nível médio completo	Aprendeu LIBRAS em casa, aproximadamente aos 04 anos de idade com o irmão mais velho, que era surdo.
E2	27	Ouvinte	Nível superior completo	Aprendeu LIBRAS em casa, aproximadamente aos 04 anos de idade com o irmão gêmeo, que era surdo.
E3	31	Surdo	Nível superior completo	Aprendeu LIBRAS no INES, aos 09 anos de idade.
E4	23	Surdo	Cursando nível superior	Aprendeu LIBRAS na escola, aos 06 anos de idade.
E5	27	Surdo	Cursando nível médio	Aprendeu LIBRAS no INES, aos 13 anos de idade.
E6	31	Surda	Nível médio completo	Aprendeu LIBRAS aos 11 anos de idade, na APADA – Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos.

Quadro II – Perfis dos integrantes do GE

Os componentes do GE foram expostos ao folder e às perguntas elaboradas, participando da entrevista em LIBRAS, que foi filmada individualmente com os seis

usuários dessa língua participantes do experimento. As perguntas da entrevista serviram de estímulo para um diálogo em LIBRAS, que em outro momento seria analisado por um Grupo Gerador de Dados, o GGD.

As avaliações feitas pelos integrantes do GGD a respeito do uso da LIBRAS pelos indivíduos do GE serviram como fonte de análise qualitativa acerca da percepção e julgamento do GGD, o objeto final de nossa pesquisa. O GGD foi composto por três avaliadores surdos, todos nativos da LIBRAS, cujos perfis podem ser vistos no quadro abaixo:

AVALIADOR	IDADE	IDENTIDADE LINGUÍSTICA	ESCOLARIDADE	CONTATO COM A LIBRAS
A1	42	Surda	Cursando pós-graduação <i>stricto sensu</i> (mestrado)	Aprendeu LIBRAS no INES, aproximadamente aos 07 anos
A2	34	Surda	Cursando nível superior	Aprendeu LIBRAS na escola, Instituto Nossa Senhora de Lourdes (INOSEL), com aproximadamente 07 anos
A3	59	Surdo	Nível médio completo	Aprendeu LIBRAS no INES, aos 07 anos de idade.

Quadro III – Perfis dos integrantes do GGD

As entrevistas com o GE geraram seis vídeos de aproximadamente 05 minutos cada um, que foram assistidos pelos avaliadores do GGD. Nosso objetivo com as entrevistas apresentadas ao GGD, como dito, foi avaliar as informações advindas desse grupo quanto ao uso da LIBRAS por parte dos indivíduos do GE.

Nossa hipótese era a de que a diversidade de indivíduos do GE poderia fornecer diferentes visões por parte do GGD quanto ao uso desta língua. Em outras palavras, buscamos identificar a percepção dos surdos quanto ao uso e usuários desta língua.

Assim, após terem assistido aos vídeos, os avaliadores responderam perguntas sobre a fluência da LIBRAS por parte dos sinalizantes do GE e sobre seu nível de domínio nessa língua. Eles deram suas opiniões se as pessoas do GE eram surdos ou ouvintes, se aprenderam a LIBRAS na infância, se foi possível perceber marcas linguísticas do português na LIBRAS dos seis entrevistados, se foi possível identificar o grau de escolaridade por meio da observação das entrevistas e se o gênero influenciou



positiva ou negativamente na sinalização. As perguntas aos avaliadores do GGD foram feitas em LIBRAS e gravadas, gerando três vídeos contendo suas avaliações.

Os participantes do GE não sabiam, em um primeiro momento, que estavam participando de um experimento sobre percepção e os participantes do GGD não tinham informações precisas sobre os integrantes do GE, dessa forma foram evitadas distorções no experimento oriundas dos dois grupos.

As entrevistas tanto do GE, quanto do GGD foram observadas e traduzidas e posteriormente autorizadas para publicação. Primeiramente foi feita uma glosa e, logo depois, uma tradução completa das entrevistas em LIBRAS para a língua portuguesa. Para cada um minuto e meio de entrevista, aproximadamente, foi necessária uma hora de dedicação nas traduções.

Realizadas as traduções de todos os vídeos da LIBRAS para o português, começamos a analisar as falas dos avaliadores do GGD. Buscamos, assim, analisar a percepção dos indivíduos do GGD acerca do uso da LIBRAS, a partir dos seguintes parâmetros: a) sinalizante ouvinte ou surdo; b) homem/mulher, c) com maior ou menor grau de instrução; d) o parâmetro estabelecido por eles para considerar que uma sinalização em LIBRAS seja “boa” e aceitável pelos surdos fluentes e nativos dessa língua.

3. Análise das entrevistas do GGD

3.1 Primeira avaliadora (A1)

Ao ser questionada sobre a fluência dos entrevistados, a primeira avaliadora (A1) considerou todos como relativamente fluentes em LIBRAS, embora, para ela, a comunicação não ocorresse de forma uniformemente contínua, pois alguns apresentavam nervosismo e sinalizavam com dificuldade. Porém, ao ser questionada acerca da clareza das sinalizações, afirmou que não havia uma "clareza gramatical" e uma boa organização sintática, pois a sinalização parecia incompleta e apresentava falhas.

Essa segunda afirmação revela a visão da avaliadora, nativa da LIBRAS, sobre o que seria o conhecimento da gramática dessa língua, uma vez que organização sintática está diretamente relacionada à visão de fluência em uma língua. De certa forma, A1 entra em contradição ao afirmar, inicialmente, que os indivíduos eram “relativamente fluentes”, porém sem “clareza gramatical”.

A segunda pergunta girou em torno da comparação entre a sinalização dos seis sinalizantes do GE. Nesse sentido, a avaliadora afirmou: “É difícil definir qual teria o melhor nível. Em minha opinião, o primeiro possui sinalização compreensível em LIBRAS, mas por vezes confusa. Falta maior amplitude lexical, apresentando algumas dificuldades”.

Se a sinalização é compreensiva, por qual motivo faltaria amplitude lexical? Ao se colocar dessa forma, a avaliadora apresenta uma aparente postura de fluência total da LIBRAS, diferentemente dos sinalizantes avaliados, cujas falas seriam mais comprometidas. Entretanto, o entrevistado do qual trata a fala da A1, por exemplo, é nativo da LIBRAS e começou a sinalizar ainda na primeira infância, além de ser intérprete de várias áreas e possuir, supostamente, amplo conhecimento do léxico em LIBRAS. Assim, esse é um ponto interessante sobre a percepção do uso da LIBRAS e seus usuários presente na fala de A1, na medida em que tanto ela quanto o entrevistado aprenderam LIBRAS na infância e podem, por critérios linguísticos, serem identificados como nativos dessa língua.

Ainda mais interessante é o fato de, apesar das limitações identificadas, que A1 colocou o primeiro entrevistado como sendo o possuidor da melhor sinalização, uma informação importante, por ser o primeiro entrevistado ouvinte. Isso exemplifica a associação entre fluência mais acurada e momento de aquisição, independente do fato de o indivíduo ser ou não surdo. O senso comum revela, muitas vezes, a crença de que ouvintes não podem representar os reais falantes nativos desta língua, porém, independentemente de a LIBRAS ser a língua do surdo, um fato sociolinguístico e que de forma alguma questionamos nesse artigo, em termos de aquisição de língua, para a Linguística, ser surdo ou ouvinte não define diferenças necessárias, entre os dois grupos, na aquisição de uma língua de sinais. Os diversos modelos teóricos da

Linguística contemporânea assumem, em comum, o papel da mente, da cognição, como responsável pela aquisição de uma língua.

Ao falar do segundo entrevistado, a avaliadora aponta que este sinaliza como alguém que não tem contato com surdo, porém, independentemente de sua suposta dificuldade apresentada ao sinalizar, cabe ressaltar que o segundo entrevistado aprendeu a LIBRAS em casa, na primeira infância, com o irmão gêmeo, que é surdo. Novamente, a fala generalizante da avaliadora, de que o contato com o surdo seria a melhor forma de sanar as dificuldades ao sinalizar, não se mostrou condizente com a realidade.

Posteriormente, foi solicitado que a avaliadora ranqueasse os seis sinalizantes por nível de sinalização em LIBRAS e fomos surpreendidos com a afirmativa de que “todos possuíam o mesmo nível de fluência, ou seja, um nível baixo”. Tal colocação reafirmou a sua postura inicial de “fluência total” da LIBRAS, embora, assim como ela, todos tivessem aprendido a LIBRAS na infância/adolescência e em contato com outros sinalizantes surdos, seja em casa ou na escola.

Outra importante questão apresentada pela avaliadora foi referente à aprendizagem da LIBRAS na infância. Categoricamente, a avaliadora apresentou a seguinte fala:

Todos aprenderam tardiamente. Eu percebi que o contato não se deu no convívio familiar, mas em outro ambiente, como a escola. Faltou comunicação em LIBRAS na infância e interação com outros surdos. Mas é possível, no futuro, obter melhor desenvolvimento da LIBRAS, mas se faz necessário contato diário com essa língua. Ter contatos esporádicos acaba por desenvolver uma sinalização deficitária.

Mais uma vez a avaliadora iguala todos os sinalizantes ao afirmar claramente que eles não são “nativos” em LIBRAS e que a falta de contato com surdos prejudicou a aquisição desta língua. Entretanto, todos os falantes/sinalizantes aprenderam a LIBRAS na infância/adolescência e, inclusive, 4 são surdos. Além do mais, a fala prescritiva da avaliadora apontando a solução para se “obter melhor desenvolvimento da LIBRAS” reforça a postura generalizante já mencionada anteriormente de usuário representante da língua em questão.



Ao ser questionada sobre o aparente grau de escolaridade dos entrevistados, a avaliadora afirma: “Conheço o segundo e o quarto, que são acadêmicos. Os demais eu não conheço, mas a princípio, parecem ser formados no ensino médio. [...] o terceiro é possível que tenha apenas o ensino fundamental”. De fato, o segundo e o quarto entrevistados eram alunos de nível superior, mas a avaliadora mal os conhecia, o que julgamos não ter sido um problema para os objetivos de nossa entrevista. Quanto ao terceiro candidato, apesar da percepção da entrevista ter apontado para outro caminho, ele possuía nível superior e a aquisição da LIBRAS se deu na infância. Novamente, uma distorção entre percepção e realidade identificada em sua fala. Nosso objetivo com tal pergunta era perceber se o GGD poderia associar um maior grau de escolarização a uma melhor desenvoltura no uso da LIBRAS. Foi exatamente o que aconteceu, já que A1 associou, erroneamente, um baixo nível de fluência a um baixo nível de escolaridade, como visto no último caso.

No que se refere à influência do gênero sexual na fala dos indivíduos entrevistados, a avaliadora afirma que a LIBRAS se revela do modo, independentemente do sexo do indivíduo. O que poderia fazer alguma diferença seria o indivíduo. Para ela, se no começo da aprendizagem a pessoa teve contato com a LIBRAS, participava de encontros, ida a associações de surdos, contato no trabalho e escola, seu uso da LIBRAS seria melhor. O que influenciaria a performance da pessoa de fato é a interação, de forma natural e isso "ocorre de igual modo para homens e mulheres”.

O ponto que chama atenção na fala da avaliadora é o contato com o surdo, enfatizado como responsável pelo bom aproveitamento na aprendizagem da LIBRAS, o que pode ser entendido como certo engano, dada a possibilidade de ouvintes nativos desta língua, como foi o caso do primeiro candidato.

Sobre a possível presença de marcas linguísticas do português na sinalização dos entrevistados, a avaliadora afirma ser “difícil perceber isso. A LIBRAS estava em coesão, não percebi marcas do português”. Mais uma vez, percebe-se uma contradição na resposta da avaliadora: o que ela entenderia por coesão? A coesão seria essa uma categoria reflexo da aquisição da língua, apesar de inicialmente a avaliadora categorizar a fluência dos entrevistados como baixa.

Por fim, fizemos o seguinte questionamento sobre se era possível identificar surdos e/ou ouvintes a partir da performance na LIBRAS. A avaliadora respondeu que era “Impossível perceber claramente isso, mas acredito que todos sejam surdos”, ou seja, mesmo sendo todos surdos, na opinião da avaliadora, todos apresentam baixo nível de sinalização e necessitam maior contato com a língua. Temos aqui, uma certa contradição com a generalização já previamente apontada: se eles são surdos, por que não têm alta performance em LIBRAS, já que, supostamente, por serem surdos, sempre estiveram inseridos na comunidade surda?

3.2 Segunda avaliadora (A2)

Assim como ocorreu com a A1, propôs-se o questionamento em relação ao nível de fluência do GE para a A2. Curiosamente, a resposta se diferiu, pois para a A2 das seis pessoas algumas seriam fluentes e outras não. Assim, perguntamos sobre a possibilidade de classificar as sinalizações em termos de níveis de proficiência e a A2 apontou que :

“...o primeiro lugar em fluência é o quinto entrevistado, porque a sinalização e as explicações são claras. Em segundo lugar, estão o segundo, terceiro e quarto entrevistados, que sinalizam razoavelmente bem. E em último lugar, encontra-se o sexto entrevistado, pois interrompe a sinalização com frequência

Foi interessante perceber que o indivíduo apontado como o mais fluente era justamente o de menor grau de escolarização. Essa discussão será retomada mais à frente, já que a mesma avaliadora, por outro lado, associa maior grau de escolarização à clareza e domínio da língua e do conteúdo, como veremos.

Em relação à “pior” sinalização, a avaliadora diz que seria a de um entrevistado que interrompeu a sinalização a todo momento. Para ela, este entrevistado conhece a LIBRAS, mas apresenta incoerência lexical, uma vez que sinaliza, de forma incorreta, os sinais referentes a “governo”, “gravidez” e “preocupar”.

Um importante ponto colocado pela avaliadora diz respeito ao fato de:



A fluência na sinalização é influenciada pelo contato com surdo na escola ou ainda pela participação em associações pelo contato com a LIBRAS desde a infância. Por outro lado, a falta de fluência se dá devido ao não contato com surdos, além da não participação em associações de surdos. Quando na infância se opta pela oralização, a aquisição da LIBRAS acontece tardiamente, como L2, ou a comunicação se dá por meio do bimodalismo, em que a LIBRAS acompanha a estrutura do português. Outro ponto importante é se o professor é ouvinte e ensina um modelo ineficaz. Em minha opinião, é importante o professor ser surdo e apresentar um modelo de ensino pautado na LIBRAS, a fim de que a criança tenha um modelo de língua a seguir e se desenvolva. Mas, depende de cada caso.

A fala acima nos permite pontuar várias questões. Primeiramente, fica claro o posicionamento da avaliadora acerca do papel do surdo frente à sua língua. Por exemplo, é o contato com o mesmo que levaria a sua aquisição e que o professor surdo seria detentor do modelo de língua necessário ao bom desenvolvimento linguístico da criança.

Entendemos que a identidade/cultura surda é construída a partir do encontro/interação entre os indivíduos das comunidades surdas e que o sujeito surdo tem papel fundamental nessa troca. Além do mais, o contato da criança surda com outros surdos adultos é de suma importância para a construção de sua identidade. No entanto, enquanto falante da LIBRAS, o contato com o surdo não é a garantia de um modelo eficaz de ensino. A garantia da aprendizagem não está relacionada ao fato de o indivíduo/professor ser surdo ou ouvinte, mas a questões de diversas naturezas, com destaque para acognitiva.

Em relação à percepção de quais indivíduos aprenderam LIBRAS na infância ou fase adulta, a avaliadora expressou que: "parece que aprenderam na infância, sim. Porém, mesmo adulto, é possível desenvolver a língua convivendo com as comunidades surdas". Esta última colocação da avaliadora se aproximou da realidade e do entendimento que temos de desenvolvimento da língua na interação entre os indivíduos. O que se destaca aqui, porém, pode ser a concepção de que apenas o contato com o surdo garante a aquisição/aprendizagem da LIBRAS. Por vezes, o termo comunidade surda é utilizado para designar apenas indivíduos surdos. Se este foi o caso aqui, a A2 apresenta uma visão deturpada de língua, na medida em que, para ela, a



aquisição/aprendizagem de uma língua oral ou de sinais está relacionada ao fato de as pessoas serem surdas/ouvintes. O que está, de fato, em jogo é o que há em termos cognitivos e específicos de nossa espécie, independente da modalidade linguística a ser adquirida, e que nos garante a aquisição/aprendizagem de uma língua. Esta concepção, de natureza linguístico-teórica, parece estar ausente em boa parte das falas das entrevistas e sua ausência pode levar a uma série de preconceitos e atitudes questionáveis, tanto da parte dos surdos, quanto da dos ouvintes.

Uma vez questionada sobre a presença de marcas linguísticas próprias do português na LIBRAS dos entrevistados, a avaliadora afirma não percebê-las e em relação à influência do quesito gênero sexual na fluência das falas, a opinião se assemelha a da primeira avaliadora, não sendo identificada na fala da avaliadora nenhum problemas com generalizações ou marcas de preconceito linguístico.

Questionamos se seria possível dizer quais indivíduos eram ou não surdos e a resposta foi surpreendente: “apenas o primeiro é ouvinte, os demais são surdos”. Após a entrevista, a avaliadora externou que ela afirmaria que o primeiro e o segundo entrevistados eram ouvintes, no entanto, o segundo era conhecido por ela da faculdade e era surdo. A percepção da avaliadora estava parcialmente correta, uma vez que o 2º entrevistado é ouvinte e gêmeo de irmão surdo e ela desconhecia tal informação.

Ao ser informada sobre quais entrevistados eram ouvintes e indagada sobre como conseguiria fazer tal diferenciação, a A2 afirmou que foi devido ao movimento da boca dos indivíduos, pronunciando as palavras corretamente ao sinalizar. A articulação bucal dos ouvintes, de certa forma, pode ter enviesado o resultado desta fase da análise, embora o mesmo parece não ter ocorrido com os outros avaliadores.

Já em relação ao nível de escolaridade, a A2 afirmou que: “o segundo entrevistado cursa o Ensino Superior, ele estuda Letras/LIBRAS na UFRJ. O terceiro, acredito que já seja formado, pois é Instrutor de LIBRAS. [...] O quarto entrevistado que cursa Letras/LIBRAS na UFRJ. Já o quinto parece cursar o Ensino Médio, não está no Ensino Superior”. Isso posto, na opinião da A2, o entrevistado que possui escolaridade de nível médio possui melhor sinalização não só em termos de fluência como também em termos de clareza nas explicações. A percepção de A2, nesse sentido,

mostra que, para ela, talvez grau de escolaridade não esteja diretamente ligado a melhor fluência.

Na sequência, questionamos se a percepção sobre quem tem maior ou menor grau de escolaridade se dá pela maneira de o indivíduo se expressar e a resposta foi a seguinte: “depende de cada pessoa. O acadêmico daria uma resposta mais coerente, mas nem sempre isso acontece. Pode ocorrer de uma pessoa com ensino médio apresentar melhor resposta”.

Inicialmente, a avaliadora pressupunha que a resposta mais coerente viria do indivíduo com maior grau de escolaridade, mas também admite que nem sempre isso ocorre, conforme evidenciado nas entrevistas realizadas. Por isso, não foi possível identificar, por parte da avaliadora, uma avaliação errônea acerca da relação entre fluência em uma língua e grau de escolaridade.

3.3 Terceiro avaliador (A3)

Antes mesmo de iniciar a entrevista, o avaliador questionou sua escolha com avaliador, pois, segundo ele, só possui ensino médio, não é professor e, portanto, não se sentia qualificado para avaliar a fala de outros indivíduos. Tal colocação, a princípio, já nos permitiu identificar certo preconceito do avaliador em relação à própria língua e ao próprio papel do grau escolaridade para a fluência/conhecimento da língua.

Iniciamos a entrevista do A3 com a mesma pergunta sobre o nível de fluência dos seis entrevistados e o avaliador afirmou categoricamente e repetiu por diversas vezes: “O primeiro e o quinto entrevistado, os dois são bons”. O interessante é que um ouvinte, o primeiro, e um surdo, o quinto, foram escolhidos como melhores sinalizantes e colocados no mesmo nível de fluência. O avaliador acrescentou ainda que: “nos demais percebi erros na LIBRAS. Somente o primeiro e o quinto que estão de acordo”.

Ao ser questionado sobre o porquê da escolha do primeiro e quinto entrevistado como os mais fluentes, o avaliador esclarece que a escolha foi pelo fato de sinalizarem “com rapidez e de forma correta. O quinto sinaliza suavemente, de forma simples, mas com clareza de entendimento, já o 1º sinaliza rápido, mas bem”. Então, a fluência, na



percepção do avaliador, é medida pela rapidez ao sinalizar e pela clareza nas informações, o que descarta, a princípio, uma percepção preconceituosa quanto ao uso da língua, no que diz respeito a fatores como gênero e idade.

No entanto, quando questionado sobre o motivo pelo qual uma performance se diferencia da outra na sinalização, o avaliador afirmou:

“ocorre quando o sujeito é surdo, assim, já está acostumado a sinalizar, faz parte do desenvolvimento cognitivo dele. Porém, isso varia de pessoa. A rapidez vem com a prática, mas quando não se entende a cultura surda é diferente”.

Podemos evidenciar, aqui, certa generalização em relação à fala do ouvinte e que pode representar equívocos importantes e que podem atrapalhar avanços no processo de inclusão do próprio surdo.

Apesar de sua visão, na prática, o avaliador igualou surdos e ouvintes, pois não tinha conhecimento que o primeiro entrevistado não é surdo.

Tal contradição pode ser observada com a própria fala do avaliador, ao dizer que quando se aprende LIBRAS criança a sinalização passa a ser naturalmente desenvolvida e isso ocorre tanto para o indivíduo surdo, quanto para o ouvinte. Perguntamos se os não fluentes, na opinião do avaliador, não haveriam aprendido LIBRAS na infância e ele respondeu que apenas o primeiro e o quinto aprenderam LIBRAS na infância. Mesmo sendo a opinião do avaliador, esta fala não condiz com a realidade, uma vez que todos os entrevistados aprenderam LIBRAS precocemente, o que demonstra que mesmo o falante tendo aprendido uma língua na infância, tal aquisição pode se dar de forma distinta entre os indivíduos, influenciando o nível de fluência.

É interessante perceber que o A3 avalia os outros quatro entrevistados como não nativos, já que não apresentam a fluidez julgada satisfatória. No entanto, como já apresentado, os seis entrevistados são nativos da LIBRAS, mesmo que apresentem níveis distintos de fluência. É interessante destacar que dos seis entrevistados, o 5º é o que aprendeu LIBRAS com maior idade e, ainda assim, foi considerado como detentor da melhor sinalização.

No que diz respeito às marcas linguísticas do português na fala dos sinalizantes em LIBRAS, assim como as outras duas avaliadoras, A3 também afirma não percebê-las, além de afirmar que

"a sinalização em LIBRAS foi clara na fala de todos os entrevistados, todos eles são capazes de se comunicar bem, em conversa ou em aconselhamento, por exemplo, mas a aquisição da LIBRAS é melhor percebida na fala do primeiro e do quinto entrevistado. Nos demais, é como se o aproveitamento fosse parcial."

No que concerne à relação de gênero na influência da fluidez da LIBRAS, assim como as outras duas avaliadoras, A3 afirma que “na aquisição da LIBRAS é indiferente a questão de gênero. Em ambos os sexos o importante é a interação, a aprendizagem e aquisição do conhecimento”. Sistemáticamente, os três avaliadores colocaram foco na interação verbal, deixando o fator gênero sexual, a margem do entendimento acerca de possíveis diferenças de performance em LIBRAS.

Relativo ao fato de serem surdos ou ouvintes, o avaliador diz não poder afirmar apenas pela feição ou performance na sinalização e que conhece apenas o quinto entrevistado, mas que o terceiro parece ouvinte, pois sinaliza regularmente. Tal fala demonstra que, por ser a sinalização considerada regular, o falante foi declarado como ouvinte, demonstrando um certo preconceito em relação à sinalização de ouvintes, com clara preferência em relação à fala do surdo. Essa percepção se trata de uma ideia preconcebida, já que o terceiro entrevistado é surdo, o que ainda ocorre com o quarto entrevistado, também colocado pelo avaliador como possível ouvinte.

Ao encerrarmos a entrevista, A3 questionou sobre quais entrevistados eram de fato ouvintes e respondemos que somente o primeiro e o segundo o eram. Diante dessa informação, o avaliador se sentiu decepcionado, afirmando que não é justo colocar surdos e ouvintes no mesmo “patamar” de avaliação, pois os ouvintes têm maior capacidade de adquirir informações e responder com clareza às perguntas. Esclarecemos que o que estava sendo avaliado era a LIBRAS e não o nível de conhecimento dos entrevistados e, mesmo que se assim fosse, não haveria, necessariamente diferenciação apenas pelo fato de estarmos lidando com surdos e ouvintes.

Foi importante a colocação do A3, quando diz que o ouvinte se desenvolve melhor na vida como um todo, já que têm acesso sonoro às informações e desenvolve suas habilidades e capacidades mais precocemente e que, por outro lado, em relação a LIBRAS, a língua culturalmente própria do surdo, acabam por desenvolvê-la deficitariamente. Tal ideia, parcialmente equivocada a princípio, revela o forte sentimento de marginalização que sofre o surdo ao longo de sua vida e que pode levar a problemas de autoestima e a generalizações, que, no fim das contas, não só são equivocados, como também em nada contribuirão para a garantia de um contexto inclusivo maior e verdadeiramente favorável ao indivíduo surdo.

Considerações Finais

O presente trabalho mostrou que pode haver concepções equivocadas, mesmo que veladas, sobre o uso da LIBRAS, na opinião dos surdos usuários e nativos da LIBRAS.

Primeiramente, identificamos um conceito generalizante e unânime em relação à sinalização de surdos e ouvintes, no qual o surdo, a princípio, é tido como detentor de maior fluência na LIBRAS em relação ao ouvinte. Entretanto, a presente pesquisa demonstrou que esse conceito é, de fato, uma ideia preconcebida e infundada, uma vez que sujeitos ouvintes, participantes desta pesquisa, demonstraram melhor desempenho e fluidez na LIBRAS do que alguns sujeitos surdos.

Outra generalização é a de que a única forma de se adquirir fluidez na LIBRAS é em contato com o surdo, mas tal concepção não se firma no que diz respeito ao próprio conceito de aquisição de uma língua, como dito, pois consideramos a aquisição como inerente aos processos cognitivos próprios do ser humano e não ao ensino de um indivíduo específico.

A pesquisa almejou, ainda, analisar se o GGD conseguiria perceber marcas linguísticas do português nas sinalizações em LIBRAS do GE. Os resultados mostram que, por unanimidade, os avaliadores não as encontraram. Tal conclusão por parte do GGD nos remete a outro questionamento: de fato as marcas linguísticas do português



eram inexistentes ou os avaliadores não as perceberam porque os indivíduos do GE adquiriram esta língua ainda crianças ou por que tais marcas fazem parte de suas próprias sinalizações e, portanto, estão naturalizadas?

Conforme a literatura estudada, a variante gênero pode influenciar na fala de um usuário de uma língua, mas tal influência não foi identificada pelos indivíduos do GGD. Isso não significa que ela não existiu, o que deixa margem para pesquisas e análises futuras.

Concluimos, como esperado, que maior grau de escolaridade não significa, necessariamente, maior fluência na LIBRAS, pois ainda que, quando questionados, os componentes do GGD afirmavam que o sujeito “acadêmico” possui maior fluidez e clareza nas respostas, o GGD apontou como mais fluentes na sinalização em LIBRAS indivíduos que possuíam nível médio de escolaridade.

Por fim, por meio do presente trabalho, identificou-se que indivíduos que adquiriram a LIBRAS em idades similares podem apresentar diferentes níveis de fluência. As causas para tal ocorrência, contudo, fogem à proposta deste estudo de investigação.

Referências Bibliográficas

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

MCCLEARY, Leland. **Sociolinguística**. Centro de Comunicação e expressão, UFSC, Florianópolis 2009.

CUNHA, Angélica Furtado da, COSTA, Marcos Antonio e MARTELOTA, Mario Eduardo. *Linguística*. In MARTELOTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**, 2.ed. 3ª reimpressão – São Paulo; Contexto, 2015.

Recebido Para Publicação em 12 de outubro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 17 de dezembro de 2019.